

THE BRITISH SCHOOL OF ETIQUETTE BRAZIL
ESCOLA BRASILEIRA DE ETIQUETA
CURSO MASTER EM ETIQUETA

ETIQUETA INFANTIL E DESENVOLVIMENTO HUMANO

ANDREA APARECIDA ALVES DA SILVA

SÃO PAULO

2021

THE BRITISH SCHOOL OF ETIQUETTE BRAZIL

ESCOLA BRASILEIRA DE ETIQUETA
CURSO MASTER EM ETIQUETA

ETIQUETA INFANTIL E DESENVOLVIMENTO HUMANO

Trabalho de conclusão do curso de Etiqueta, apresentado para avaliação do Programa Master em Etiqueta, da Escola Brasileira de Etiqueta (EBE), filiada à The British School of Etiquette, como requisito para finalização da 3ª Etapa da Jornada do Profissional de Etiqueta

SÃO PAULO

2021

ETIQUETA INFANTIL E DESENVOLVIMENTO HUMANO

ANDREA APARECIDA ALVES DA SILVA

RESUMO

Este trabalho visa estabelecer ponto entre Etiqueta no desenvolvimento humano como base as crianças, que são e serão nosso futuro; crianças saudáveis, equilibradas e educadas, sabendo se relacionar, conduzir e posicionar-se em um mundo de transformações.

Somos adultos e ainda assim crianças, temos nossa criança interior, saber orientar, ensinar e educar uma criança, é necessário termos empatia conosco, com nossa criança interior.

Compreender como ocorre é essencial ao entendimento, que busca esclarecer perguntas que se fazem nesse aspecto quando crianças. Justifica-se a criação de textos que possam mostrar como ocorre, e sua importância diante dos estudos de formação profissional, além de possibilitar maiores discussões sobre esse assunto.

Assim, através de uma breve revisão da literatura, estuda-se o tema, fluindo aos pensamentos do contexto que o atualizam em respostas a nossas maiores curiosidades e necessidades, bem como as vivência de modo particular em minhas análises e reflexões.

Palavras-Chave: Educação. Psicologia. Inteligências múltiplas, Etiqueta, Empatia.

INTRODUÇÃO

Observo meus filhos Antonio(11anos) e Aline(18anos), o padrão que estabeleci com eles desde a primeira infância é a empatia, pois com empatia consegui mostrar a eles como é fácil lidar com situações. Quando se iniciou os aprendizados, por volta de 2 anos, ou seja como saber se portar, se comportar e agir diante de adversidades e situações, notei e noto que o incentivo de desenvolvimento deve ser praticado desde sempre.

Destacando o contexto da Empatia, Inteligência Emocional e Etiqueta seus conceitos e aplicações como fonte de atualização dos conhecimentos e a prática sobre este tema (empatia - desenvolvimento), ainda neste contexto tenho como referência lembranças de quando meu pai me orientava como se comportar em casa de familiares e em locais públicos, de como se sentar a mesa e a clareza de conversar com pessoas de modo formal, ou seja com educação.

Neste sentido amplo a Etiqueta é uma base que se deve ser muito bem alicerçada na infância, tendo por exemplo a vivência que tive, tive o básico de etiqueta que meu pai me orientava, e hoje vejo a importância de ser explorada juntamente com o desenvolvimento humano, este o qual também sempre foi incentivado.

Entre minhas reflexões o que me fez chegar aqui foi a certeza de que se Eu obtive o básico da Etiqueta ainda quando criança através de um pai, o quanto poderia fazer um profissional com conhecimentos amplos e aprofundados.

A aplicação em escolas, e na base de uma futura sociedade (as crianças).

A conexão simples, estar aberto e acreditar é o despertar.

“PALAVRAS SÃO JANELAS (OU SÃO PAREDES)”

Ruth Bebermeyer

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 EMPATIA E INTELIGÊNCIA EMOCIONAL A PARTIR DA COMUNICAÇÃO NÃO-VIOLENTA

Destacam-se conceitos de empatia e inteligência emocional a partir de resultados extraídos da bibliografia. Neste caso, o capítulo está referenciado em Marshall Rosenberg no livro “comunicação não-violenta”, Daniel Goleman, no best seller “Inteligência Emocional” e Pamela DRUCKERMAN em “crianças francesas não fazem manha”, além de outros na bibliografia auxiliar conforme a necessidade.

Por fazê-lo, a mesma análise da inteligência a partir da comunicação não violenta, se fazia comunicando os sentimentos de indivíduos que em nenhuma outra vez conquistaram instituir a interligação entre psicológico s emotivo, e que gostariam de ter com os pais mais afetos. No desenvolvimento em direção a um estado de libertação psicológica e emotivo, a maior parte deles assemelham-se pares e devem passar por 3 instantes na forma como nos relacionamos com os demais (ROSENBERG, 2006).

No primeiro estágio, que Rosenberg (2006) costuma denominar de escravidão psicológica emotiva, acredita-se que somos seres que têm responsabilidade através de sentimentos com os demais. De fato, acha-se que se poderá nos esforçar, na maioria das vezes, para continuar mantendo todos felizes. Se ambos não são felizes, sentimo-nos que temos enormes responsabilidades e somos compelidos a fazer alguma coisa a respeito. Isso é capaz de nos conduzir mais rapidamente a enxergar os próprios indivíduos identificados como mais aproximados de nosso sentimento (ROSENBERG, 2021).

No desenvolvimento em direção a um estado de libertação psicológico-emotivo, a maior parte pode passar por 3 instantes na forma como se relacionam com os demais.

Conforme Rosenberg (2006), à medida em que se emerge do estágio da escravidão emotiva, conseguirá ser que continuemos a carregar resquícios de temor e culpa por termos dessas próprias carências.

Nessa assimilação, não é surpreendente que acabemos comunicando essas carências de formas que assemelham inflexíveis e inflexíveis aos demais. Por exemplo, durante uma pausa num dos seminários realizados pelo autor, uma jovem descreveu quanto gostara dos insights que ganhara por causa de seu próprio estado de escravidão emotiva.

Estágio 3, na 3ª mesma fase a libertação emotiva, respondemos às necessidades dos diferentes por compaixão, em nenhuma outra vez por medo, culpa ou vergonha. Nessa assimilação, dessas ações ficam nos concretizando desse modo, de um modo idêntico, àqueles identificados como o objetivo de empenhos (ROSENBERG, 2006).

Aceita-se a total responsabilidade por dessas intenções e ações, mas não através de sentimentos dos demais. Nesse estágio, dispõe-se, consciência que em nenhuma outra vez poderemos contentar dessas próprias carências à custa dos demais.

Conforme Rosenberg (2021), a libertação emocional envolve reafirmar em especial, que todos necessitam de uma modelagem que abandone nitidamente que todos ficam igualmente empenhados com as carências dos diferentes intentos que possam ser satisfeitos. A CNV tivera sido confeccionada para se melhor acrescentar a viver ao lado nesse nível.

No compasso do desenvolvimento da responsabilidade psicológico emotivo, a maior parte de acabar tendo de passar por 3 estágios: 1. a “escravidão emocional” — crer que somos que têm responsabilidade através de sentimentos dos outros; 2. o “estágio ranzinza” — no qual nos recusamos a levar em consideração que nos importamos com os sentimentos e carências de qualquer outra pessoa; 3. a “libertação emocional” — na qual aceitamos total responsabilidade por sentimentos, mas não através de sentimentos dos os demais, e ao mesmo tempo dispõe-se, consciência que em nenhuma outra vez poderemos prestar serviço a dessas próprias carências à custa dos os demais (ROSENBERG, 2006, p.93).

Rosenberg (2006) exemplifica: “Pediram-me que agrupasse com quarenta discentes que haviam sido percebidos como social e mentalmente desajustados” (p.138). É impressionante com a forma à qual rótulos como este funcionam de profecias que terminam causando, de um modo iminente, a própria materialização.

Por rotular-se os agentes envolvidos, tende-se a “proceder” com respeito a ambas de uma modelagem que influencia e colabora para dar vida ao próprio comportamento com o qual se incomoda, que diante disso, identifica-se enquanto ampla garantia de nossos próprios diagnósticos. Já que os alunos(as) sabiam que haviam sido categorizados como “social e mentalmente desajustados” (ROSENBERG, 2006, p.118).

Pouco tempo depois, o mesmo observou enquanto constatar em 1ª mão essa satisfação, quando a esposa lhe repetiu uma frase que o mesmo tinha dito com grande intensidade emotiva. “Saboreando a paráfrase da esposa, o mesmo observou para mim e declarou: Faz-se válido” (p.119).

Portanto, faz-se uma experiência pungente receber uma avaliação concreta que alguma pessoa está interligada a com empatia e sua inteligência emocional pode ser prejudicada com a comunicação violenta, assim, entende-se o valor da afetividade na educação em contradição a essa hipótese.

2.2 INTELIGÊNCIA EMOCIONAL A PARTIR DE GOLEMAN

Os 2 modos fundamentalmente distintas de conhecimento se inter-relacionam na edificação de tal vida cognitiva. Um, a consciência lógica, é o modo de entendimento de que, em conjunto, dispõe-se a consciência, sendo que é mais colocado em grande evidência na consciência, mais alerta e apto de considerar e refletir sobre o aspecto sentimental. Todavia, além desse, há um outro sistema de conhecimento que prossegue sendo impulsivo e poderoso, eventualmente ilógico — trata-se da consciência emotiva (GOLEMAN, 2011).

Todavia, há uma modalidade emocional/racional. Ela aproxima-se da distinção que popularmente é realizada as pessoas e entre seus “corações” e “cabeças”; saber que alguma coisa é dada “aqui dentro no coração” é um nível distinto de certeza — tem um sentido mais intenso —, mesmo que idêntica àquela arranjada através da consciência lógico (GOLEMAN, 2011, p.25).

Existem abundantes gradações na correta equivalência entre controles lógicos e psicológicos emotivos das mentes humanas, e quanto mais intensos os afetos, eles são quem dominam.

Assim, as emoções são observadas enquanto benéficas a consciência psicológica emotiva, — e outros(as) sem operacionalidade ao lógico. Faz-se uma verdade que se assemelha ter tido início há cerca de bilhões de anos, quando se começou a evolução biológica das espécies: “era mais interessante que as emoções e as intuições guiassem reações imediatas frente a algumas situações de perigo de vida” (GOLEMAN, 2011, p.28).

Em conjunto, há um balanceamento entre as mentes psicológica e emocional, e ambas contribuem ao crescimento do lógico, com a emoção nutrindo e informando as operações da consciência lógica, e igualmente essa consciência refinando a entrada das emoções.

Todavia, são faculdades e quase independentes, cada uma, como se verifica, espelhando o desempenho de circuitos diferenciados, interligados, do cérebro a inteligência emocional (GOLEMAN, 2012).

Todavia, na inteligência emocional humana, é capaz de ter consequências desastrosas para dessas algumas associações. Sendo a amígdala trabalha preparando uma reação ansiosa e impulsiva, outra parte do cérebro emotivo, torna realizável, dentro de outras oportunidades o entendimento daos aprendizados e, depois disso, uma resposta mais correta para analisa-los.

Faz-se por isto, que, quando todos ficam mentalmente perturbados, a habitual perturbação psicológica e emotivo acaba originando carências especiais nas competências intelectuais da criança, mutilando a capacidade de abstrair conhecimento.

Todavia, entende-se que o cérebro na função emotiva, diferenciado das regiões corticais expostas através de testes de QI (capacidade de inteligência), controla igualmente a raiva e o afeto de piedade (GOLEMAN, 2012).

Num certo sentido, dispõe-se os dois cérebros, ou seja, as duas mentes — e dois tipos distintos de inteligência: lógica e emocional. O desempenho na vida é definido através dessas duas e não conseguirá ser quão somente o QI, mas a inteligência emotiva, que também conta.

Além de alto QI não ser nem mesmo uma ampla garantia de prosperidade, prestígio ou felicidade na existência dessas unidades escolares de tal extensão de cultura privilegiam a futura competência técnica quando estiver ao nível universitário, ignorando a inteligência psicológico emotivo, um conjunto de traços

— chamariam de caráter — que desempenha um dever importante em nosso com direção ou destinação pessoal (GOLEMAN, 2012).

Contudo, uma competência técnica social fundamental é observada enquanto a empatia, isto é, a entendimento das emotividades dos diferentes, e igualmente a adoção da concepção deles, e o respeito às diferenças na forma como os indivíduos encaram as coisas.

Portanto, os relacionamentos acabam sendo um direcionamento importante, absorvendo competências para se abstrair conhecimentos, e ensinam as pessoas a serem excelentes ouvintes e bons questionadores, e com isso, bons alunos para uma vida toda.

2.3 ETIQUETA INFANTIL A PARTIR DE PAMELA DRUCKERMAN

Certamente, as operacionalidades usadas na criação de crianças em Paris para vão além do que se percebe sobre inteligência emocional. Pois, utilizam-na pra educação dos filhos. Isso consegue fazer as crianças dormirem a noite toda e para ensiná-las a degustar bem de um modo saudável.

Tomando por base Druckerman (2013), sempre se desejou saber do que se identifica a educação do lar na República Francesa, mas até aqui, não tive este gozo e satisfação. E nossa vontade se desenvolveu de um modo mais significativo, depois de fazer a leitura o estudo teórico Crianças francesas não fazem manha: os segredos parisienses para fazer a educação os filhos.

Depois desta ampla divulgação, a jornalista americana escreveu o estudo teórico Crianças francesas dia a dia, que prossegue sendo um compilado da 1ª obra, mas em exemplo de sugestões ou dicas. Sem o panorama da própria história de maternidade de Pâmela, o segundo estudo teórico perde por completo o Story Telling e fica bem menos motivador.

Conforme DRUCKERMAN (2013), além de incentivar e motivar a criança a realizar desenvolvimento de seu paladar, as atividades na cozinha têm diferentes outros plenos benefícios, como desenvolvimento de administração motora pela manipulação dos alimentos e vínculo sentimental com quem está preparando a comida.

Imagina-se que nem tudo na República Francesa sirva na prática como Pâmela conta no estudo teórico Crianças francesas não fazem manha no qual uma parte da narrativa possui sido romanceada.

Ainda nessa forma, DRUCKERMAN (2013) percebe que essa compreensão busca trazer análises e modelos que, se não tiverem sido aceitáveis de empregar 100% no dia a dia, pelo menos são bases de inspiração.

DRUCKERMAN (2013), escolheu falar de 5, maiores temas: sono, nutrição, paciência, autoridade e culpa materna. Assim, quando comecei a escrever dei conta que este texto ficaria bastante demorado diante disso resolvi dividi-lo em duas frações. não sou expert e não pretendo aqui esgotar o assunto discutido ou simplesmente indicar o rumo, quão somente buscar que diz o estudo teórico e um pouco da nossa experiência.

Na construção Crianças francesas não fazem manha, a autora diz que quando aprendeu sobre “a pausa”, tinha perdido a janela de quatro meses da 1ª filha. Nessa situação, segundo a mesma, os experts no país indicam com respeito, se utilizando a técnica de pôr a criança no seu quarto a noite e, depois disso, quando a mesma acordar, deixá-la chorando até mesmo durma desacompanhada.

Ademais, segundo a técnica mostrada por DRUCKERMAN (2013), consegue-se conversar com o bebê até o mesmo dormir e demonstrar que, se o mesmo acordar pela noite, terá de ser dado atendimento uma exclusiva vez. E que, depois disto, seus pais estarão dormindo no qual tudo aceitará ficar bem. Pâmela conta que fez isto, quando sua filha tinha 9 meses no qual atrasou duas noites de choro até mesmo a mesma abstraísse conhecimento a dormir a noite inteira.

Especialistas contra a tal interpelação dizem que isto, quão somente estressa o parturiente (bebê) e gera um afeto de desabrigo. De tal forma, a criança dormiria quão somente por perceber que jamais adianta chorar porque ninguém está se importando com tal agente, isso conforme DRUCKERMAN (2013).

Em sentido particular, não se tem coragem de largar filho(a)os(as) chorando desacompanhadas até dormirem. De fato, isto, não assemelha acolhedor e irá contra o instinto materno de fazer tentativa de resguardar a acaba

originando. Eu, depois de adulta, chorei desacompanhada e sei o quanto isto, é dolorido. Imaginem isto, a um bebê.

Certamente, mulheres francesas são geralmente magras a menos pela gestação. Elas menos amamentam, são pouco paranoicas principalmente na maternidade, e igualmente na criação de seus filhos. Por esses e outros diferentes motivadores, as mães francesas têm filhos que fazem menos birras, menos manha e são bem mais independentes.

A tese de DRUCKERMAN (2013), veio ao território brasileiro e patrocina de primeiro lugar na listagem dos mais vendidos no Sunday Times e erguendo uma questão que está mais em voga de algo que nunca: até quando os pais vão se submeter aos chiliques, birra e tirania dos filhos? E tudo se iniciou desde pequenos.

Faz-se normal fazer as unhas enquanto se está grávida? Seria normal passar o dia nos computadores ou celular? É comum fazer uso de salto alto?". Sendo a autora esclarece que estas americanas ficam obcecadas por superproteção (delas além dos bebês), listas, sugestões e demais dicas, normas e demonstrações, as francesas não vivem em pânico pela satisfação de seus filhos. E o desprendimento com o exageros avançam pela criação das crianças, as atividades extracurriculares não ficariam na pauta das famílias francesas.

Conforme DRUCKERMAN (2013, p.51):

Os pais franceses desejam que estes filhos possam ser incentivados, mas não pelo tempo todo. Sendo outras crianças pequenas americanas desfrutam aulas de mandarin e pré-treinamentos à alfabetização, as crianças francesas não ficam agindo como crianças pequenas.

Ademais, lembra-se que pais franceses não temem dizer 'não'. Isso emite demonstrações que estas crianças necessitam abstrair conhecimento a lutar contra frustrações, os valores da paciência e de abstrair conhecimentos sob a proeza de se esperar.

Na República Francesa não seria comum amamentarem, 'obrigatoriamente', os parturientes (bebês) até os seis meses de vida. De acordo com a autora, os processos de amamentação e de sono são pensados para uma rotina que deixem pais livres de obrigatoriedades comuns. Já com relação aos

americanos, há uma amamentação em exagero e noites em claro (DRUCKERMAN, 2013).

A autora concede-se percebeu a relevância das palavras mágicas na formação educativa das crianças naquele país. Tudo se iniciou quando os pequenos abstraem conhecimentos sob a relevância de educado bonjour, que na explanação da autora, se transforma no nosso 'oi', e o au revoir, isto é, 'adeus'. 'Por favor' e 'obrigados' são precisos, mas não são cruciais como o 'oi' e o 'adeus'.

Sendo diferente nos EUA, onde uma pessoa em formação de 4 anos não conseguirá ser, de alguma forma, forçada a interromper seu programa de TV favorito quando vem uma visita em casa para cumprimentá-la, na República Francesa, a ação percebe-se em um sinal de ausência de respeito grande.

No momento em que acham claramente a relevância das palavras mágicas, as crianças compreendem que jamais são as únicas com sentimentos e com carências. "Dizer bonjour é identificar a etnia humana da outra pessoa", diz a autora. No caso das crianças, ambas são identificadas através de adultos como seres comunitários, têm opiniões e percebem direitos.

Nos EUA, crianças não necessitam cumprimentar e não dizem nada para ninguém a menos que insista que falem. Alguns só conquistam imprimir respostas de uma palavra quando se fazem boas indagações.

Ainda os adolescentes não ficam acostumados a se identificar com confiança a um adulto que jamais conheçam bem. Parte de algo que a obsessão com o bonjour expõe é que, na referida nação, as crianças não têm essa presença obscura em suas mentes (DRUCKERMAN, 2013).

Conta-se que estes profissionais de medicina não se mencionam as restrições alimentares que são verificadas ao andamento da maternidade no qual essa não conseguirá ser uma paranoia das gestantes.

Sendo assim, a etiqueta pode ser trabalhada sem que seja preciso mimar as crianças. Elas irão dar o mesmo peso de importância a ambas como também aos pares.

CONCLUSÃO

Ao se estudar sobre conceitos, expressões e aplicabilidades de inteligência emocional e empatia, percebe-se a sua inteira visão sob os aspectos conceituais nos quais se versam as argumentações ao longo desta pesquisa. Ademais, as características que o destacam são particularidades ao contexto da realidade estudada.

No que diz respeito ao atendimento dos objetivos, considera-se promissor o entendimento dos conceitos e das categorias com relação ao estudo, as percebendo como amplamente informativas e destacadas na clareza do tema de pesquisa. Entende-se que a inteligência emocional, empatia e Etiqueta é uma competência que deve ser trabalhada nas escolas como estratégia de ensino-aprendizagem.

A importância da Etiqueta como fator fundamental muito bem estruturado, aplicando seus pilares é uma ferramenta poderosa para mudar o nosso meio e viver em um mundo melhor.

Acredito com toda a certeza de que crianças mentalmente desenvolvidas, bem educadas, tem como base a empatia, uma das bases que permeia a Etiqueta, acredito também que somos eternas crianças, o que nos torna seres atemporais.

É possível chegar a um adulto através da criança, fazendo o que eu costumo dizer em minhas reflexões “efeito reverso”, aplicando a Etiqueta Infantil é possível chegar aos pais com mais facilidade, e gerar um novo padrão a nível de consciência e realidade, com ética e respeito.

Uma vez que ele se destaca em virtude dos fatos e aponta-se como destaque em nossa visão teórica da realidade.

Portanto, considera-se viável que esse estudo indica informações precisa a respeito do tema estudado e espera-se que novas discussões possam incrementar ainda mais a ricas informações por este estudo colocadas.

REFERÊNCIAS

DRUCKERMAN, Pamela. **Crianças francesas não fazem manha: os segredos parisienses para educar os filhos**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2013. Disponível em ([link](#)) acesso em 25 out. 2021

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional**. Tradução Marcos Santarrita. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2011. 407p. ISBN 978-85-390-0191-0. 10-5719. CDD: 153.9. CDU: 159.95

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional**. Tradução Marcos Santarrita. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2011. 407p. ISBN 978-85-390-0191-0. 10-5719. CDD: 153.9. CDU: 159.95 in LEDOUX, Joseph. The amygdala. Current biology, v. 17, n. 20, p. R868-R874, 2007. LeDoux no Centro de Ciência Neural da Universidade de Nova York. 871pp

GOLEMAN, Daniel. **O cérebro e a inteligência emocional: novas perspectivas**. Objetiva, 2012. Disponível em ([link](#)) acesso em 25 out. 2021.

LEDoux, Joseph. The amygdala. Current biology, v. 17, n. 20, p. R868-R874, 2007. disponível em [https://memberfiles.freewebs.com/16/82/79168216/documents/The%20amygdala%20primer%20\(Ledoux%202007\).pdf](https://memberfiles.freewebs.com/16/82/79168216/documents/The%20amygdala%20primer%20(Ledoux%202007).pdf) acesso em 25 out. 2021

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração análise e interpretação de dados**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2014. 277 p;

MINAYO, Maria Cecília de Sousa. **Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias**. Revista pesquisa qualitativa, v. 5, n. 7, p. 1-12, 2017. Disponível em <https://www.scielo.br/j/rbso/a/rYHznR6WDDrF9v5Bs66M4Gf/abstract/?lang=pt> acesso em 26 ago. 2021

ROSENBERG, Marshall B. **Comunicação não-violenta** : técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais / Marshall B. Rosenberg ; [tradução Mário Vilela]. – São Paulo: Ágora, 2006. Disponível em <http://www2.ifam.edu.br/campus/cmc/noticias/setembro-amarelo-1/comunicacao-nao-violenta-marshall-b-rosenberg.pdf> acesso em 25 out. 2021;

ROSENBERG, Marshall B. **Comunicação não violenta-Nova edição:
Técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais.**
Editora Ágora, 2021. Disponível em ([link](#)) acesso em 25 out. 2021;